

# O CORPO, O TEMPO E A COMUNIDADE: UMA PERSPECTIVA DELEUZIANA ACERCA DA COMUNIDADE DA DIFERENÇA<sup>1</sup>

*THE BODY, THE TIME, AND THE COMMUNITY: A DELEUZIAN PERSPECTIVE ABOUT THE COMMUNITY OF DIFFERENCE*

**Izac Muniz Matos Júnior<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Maranhão, MA, Brasil

**Daniel Viana de Carvalho<sup>3</sup>**

Universidade Federal do Maranhão, MA, Brasil

---

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i2.81>

Recebido em: 06.10.2024

Aceito em: 20.12.2024

---

**Resumo:** O presente artigo retoma os conceitos deleuzianos de forças, corpo, sem-fundo e tempo, buscando realizar um diálogo com o conceito de comunidade da diferença de Miroslav Milovic. Nesse movimento, são aproximados o conceito de comunidade da diferença e os conceitos de forças, corpo e memória, destacando as suas pluralidades, multiplicidades e a sua constituição no tempo do devir. Após esse momento, a discussão será voltada para os conceitos de sem-fundo e de tempo para Deleuze. Nesse sentido, será observado no sem-fundo a capacidade dos sujeitos, dos corpos e das comunidades de transformarem a si mesmos e o contexto de sua realidade através da subversão daquilo era visto como definido, eterno e normativo. Já em relação ao tempo de Deleuze, será possível observar a diferença enquanto elemento radical do tempo através das sínteses do presente, passado e futuro. O presente trabalho é fruto de pesquisas bibliográficas.

**Palavras-chave:** Gilles Deleuze. Miroslav Milovic. Diferença. Comunidade da diferença. Igualdade.

**Abstract:** This article revisits Deleuzian concepts of forces, body, bottomless and time, aiming to carry out a dialogue with Miroslav Milovic's concept of community of difference. In this movement, the concept of community is brought closer to the concepts of forces, body and memory, highlighting their plurality, multiplicity, and their constitution in the time of becoming. After this moment, the discussion will turn to the concepts of bottomless and time for Deleuze. In this sense, the ability of subjects, bodies and communities to transform themselves and the context of their reality through the subversion of what was seen as defined, eternal and normative will be observed in depth. In relation to Deleuze's time, it will be possible to observe difference as a radical element of time through the syntheses of present, past and future. This work is the result of bibliographical research.

**Keywords:** Gilles Deleuze. Miroslav Milovic. Difference. Community of difference. Equality.

---

1 O presente artigo participou do Prêmio Miroslav Milovic "Juventude Filósofa" no ano de 2024.

2 Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

3 Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).



## 1 Introdução

O presente trabalho busca analisar o conceito de comunidade da diferença em diferentes facetas, por meio disso busca-se relacionar o pensamento de Miroslav Milovic com o de Gilles Deleuze, no que tange à diferença, à comunidade, ao corpo e ao tempo. Dessa maneira, cabe nesse momento primeiramente apresentar o percurso argumentativo e conceitual que irá permear todo este trabalho. Nesse sentido, será desenvolvido a discussão por meio de algumas bases conceituais. Nesse movimento, primeiro, serão descritos alguns conceitos a partir da leitura deleuziana das obras de Nietzsche e Bergson, estes são, respectivamente: forças e corpo; corpo e memória. Segundo, pela concepção de duração e memória bergsoniana, as quais irão fundamentar a concepção de corpo e transformação do individual ao coletivo. E terceiro, por meio das discussões conceituais elaboradas por Deleuze tanto em *Sacher-Masoch: o frio e o cruel* (2009), quanto em *Diferença e repetição* (2022), mais especificamente, no que diz respeito ao conceito de sem-fundo, e às sínteses do tempo, respectivamente.

Assim, nesse primeiro momento cabe conceitualizar a ideia de comunidade da diferença de Milovic (2004), a qual será um dos focos da discussão do presente trabalho, a comunidade da diferença pode ser entendida como a formação heterogênea de um grupo, isto é, um espaço onde podem coexistir uma grande variedade de perspectivas, ideias e identidades, a fim de conviver e elaborar sentidos de existência do coletivo. Pensar sobre isso é pensar na individualidade dentro da massa, entretanto, sem contar o elemento alienante presente na massificação. A comunidade da diferença celebra a pluralidade, que gera respeito, empatia e conhecimento, e entra em dissonância com o conceito de comunidade homogênea, em que a unicidade domina e a diferença é excluída, onde só existe uma forma de pensar (Cangiano, 2023).

Nesse ponto, poderia se perguntar por quê pensar comunidade, corpo e memória? A pertinência deste tema surge pela forte relação que Deleuze estabelece com a filosofia bergsoniana e a nietzschiana a respeito da diferença, e em Miroslav será possível examinar essa diferença de maneira ainda mais prática e contextualizada, levando em conta o cenário nacional brasileiro e as novas tecnologias que permeiam a vida no século XXI. Além disso, ao tecermos uma possível comunicação entre Deleuze e Miroslav, no que concerne a essa temática, pode ser formado um espaço propício para pensarmos questões referentes ao contexto político e social atual brasileiro, através das bases filosóficas conceituais discutidas neste trabalho. A metodologia do trabalho apresentado é resultado de pesquisas de cunho bibliográfico, que conforme Gil (2002), parte-se de uma análise estrutural dos textos, os quais serão constituídos por materiais, princípios e procedimentos, os quais colaboram com a tese pretendida.

## 2 Forças e comunidade

Nesse sentido, a discussão pode ser iniciada a partir dos conceitos de forças e corpo, tais quais são apresentados no capítulo 2 de *Nietzsche e a filosofia* de Gilles Deleuze. Nessa perspectiva, é possível descrever o conceito de forças como sendo uma nova forma de escutar, apreender e descrever a realidade através de uma interpretação sintomatológica e genealógica de seus fenômenos (Deleuze, 2018). Nesse curso, a realidade seria composta da relação entre inúmeras forças: plurais, moventes, irreduzíveis. Sendo assim, tais forças seriam não somente

partes integrantes da realidade, mas também condições ontológicas para o espaço e o tempo (Nietzsche, 2011). Cada força busca afirmar a sua potência e, nesse movimento, elas entram em contato umas com as outras: estão sempre em uma “dança” ou “torneio”, isto é, estão sempre em conflito, sempre em transformação (Deleuze, 2018; Nietzsche, 2011). Ademais, do contato entre as forças nascem outras forças: como infinitos feixes de luz que ao entrarem em contato entre si geram outros infinitos efeitos de luz. Assim, a genealogia da história de um mundo composto por forças tem como palco a pluralidade<sup>4</sup>, como tempo o devir,<sup>5</sup> e como curso o irresoluto<sup>6</sup>.

Seguindo esse movimento, Deleuze (2018) observa que toda relação entre diferentes forças constitui um “corpo”. Dessa forma, um corpo é sempre um múltiplo do acaso e sintoma do contato entre forças. Nesse sentido, o conceito de corpo apresentado por Deleuze a partir de Nietzsche é transversal: um corpo pode ser político, econômico, ecológico, químico, biológico, psicológico (Deleuze, 2018). Daí toda uma importância desse conceito, de como diferentes heterogeneidades (forças), ao serem organizadas e/ou ligadas, podem gerar novos tipos de comunidades (corpos); e dentro, ou a partir dessas podem ser geradas novas configurações de heterogeneidades, novas formas de ser.

Além disso, outra questão importante atrelada ao conceito de corpo é a distinção qualitativa entre as forças. Com efeito, é dentro de um corpo que se pode distinguir, segundo a leitura deleuziana de Nietzsche, as forças em dois grupos diferentes: forças reativas e forças ativas (Deleuze, 2018; Machado, 2009). Dessa forma, define-se o primeiro grupo pelo sua funcionalidade na garantia das finalidades e dos mecanismos, “cumprindo as condições de vida e as funções, as tarefas de conservação, de adaptação e de utilidade.” (Deleuze, 2018, p. 57). Nesse sentido, em um contexto de saúde, ser reativo implica em evitar ou amenizar as tendências e movimentos mais perigosos ou destrutivos para o próprio corpo (Deleuze, 2018). Além disso, a reatividade diz respeito à potência de obedecer ou ser agido; logo, ela está implicada em uma força de conservar, regular, conciliar, de ser dialético.

Em contrapartida, podemos pensar o outro conjunto de forças como sendo definido por tender à potência, isto é, a potência de agir ou de comandar (Machado, 2009). Nessa perspectiva, as forças ativas correspondem ao próprio movimento da vida, movimento vital de transformar, expandir, criar novas formas a partir da materialidade, do antigo, do que já está posto<sup>7</sup>. Segundo Deleuze (2018, p. 58): “Apropriar-se, apoderar-se, subjugar, dominar são características da força ativa. Apropriar-se quer dizer impor novas formas explorando as circunstâncias.”. Ser ativo é virtualizar para atualizar, destruir para construir algo novo, é arruinar e erigir; é um movimento de transmutação, de diferença, é ser dionisiaco: “A potência de transformação, o poder dionisiaco, é a primeira definição da atividade” (Deleuze, 2018, p. 59).

Até aqui foi falado das características das forças em um primeiro momento, no contexto

4 Deleuze (2018, p. 37): “O múltiplo é a manifestação inseparável, a metamorfose essencial, o sintoma constante do único. O múltiplo é a afirmação do uno, o devir, a afirmação do ser.”

5 Nietzsche (2011, p. 97): “Tudo o que sucede, todo movimento, todo devir, considerados como fixação de graus e de forças, — como uma luta...”

6 Deleuze (2018, p. 13): “Na ideia pluralista de que uma coisa tem vários sentidos, na ideia de que há várias coisas, e ‘isto e depois aquilo’ para uma mesma coisa, vemos a mais alta conquista da filosofia, a conquista do verdadeiro conceito, sua maturidade, e não renuncia, nem sua infância.”

7 Nietzsche (2011, p. 78) “A criação, tal como a entendo, é um meio para acumular as forças prodigiosas da humanidade, para que as gerações possam edificar sua obra sobre o trabalho de seus antepassados — não só exterior, mas interiormente, edificando organicamente sobre os alicerces do passado, ascendendo para o mais forte...”

de saúde, de “normalidade”. Contudo, “Normal aqui não significa frequente, mas ao contrário, normativo e raro” (Deleuze, 2018, p. 145). Neste sentido, pode-se afirmar que o momento histórico no qual nos encontramos é o do adoecimento das forças, ou melhor, um momento de triunfo do adoecimento (Machado, 2009). Dessa forma, através da história da humanidade, por circunstâncias externas e internas, se deu o desenvolvimento de um processo de triunfo das forças reativas sobre as ativas (Deleuze, 2018). Nesse processo, as forças reativas conseguiram não somente neutralizar as forças ativas, separando-as de suas potencialidades, como também voltar-las contra si mesmas (Machado, 2009). Dessa forma, a potência criadora, vitalizadora e diferencial das forças ativas é abnegada, sua atividade de afirmação é invertida em uma passividade de *décadence*; as forças ativas são forçadas a voltarem-se contra si mesmas em um movimento autodestrutivo (Machado, 2020).

Neste momento, cabe fazer a primeira de algumas intersecções entre os conceitos de corpo e comunidade. Através das bases deixadas por autores como Nietzsche e Deleuze, pode-se pensar como o contexto atual brasileiro é composto por inúmeros corpos políticos, econômicos, psicológicos e biológicos e etc. Contudo, são corpos, ou comunidades, cujo o movimento vital de suas forças e a suas capacidades criativas se encontram abnegadas, limitadas, ou mesmo parasitadas, isto é, colocadas a serviço de outras estruturas e grupos que as exploram em nome da concentração de seus poderes e permanência de seus privilégios. Nesse sentido, é possível pensar em sistemas ideológicos (neoliberalismo), hierárquicos (patriarcado) e econômicos (capitalismo) que cerceiam a capacidade dos corpos de se diferenciarem, de alcançarem a sua potência. Ou seja, talvez possa descrever o contexto atual brasileiro como um de gestão do sofrimento dos corpos e das comunidades, a gestão de seu adoecimento (Safatle et al, 2022).

### 3 Tempo e comunidade

Dito isso, é possível observar a questão dos corpos e das comunidades através de uma outra base filosófica, a base bergsoniana. Então, poderia se questionar, ora, se o contextos das forças estão bem mais presentes na compreensão de corpo e formação de comunidades, em que caberia falar sobre tempo nesse quadro? A resposta para essa questão está nos processos de subjetivação oriundos do tempo, o tempo em si (memória, duração) remonta a totalidade da experiência humana (Deleuze, 2012). Dessa maneira, se tratando de corpo, para Bergson (2010a), ele é um intermediário entre o espaço e o tempo, que ao mesmo tempo que percebe, carrega e evoca toda a memória de sua vida, tornando a percepção um derivado da memória, o prolongamento dos interesses da memória no espaço no momento em que o corpo precisa. Nessa perspectiva, a comunidade como um conjunto de corpos diferentes, individuais, que embora possuam algo em comum para se tornar comunidade, possuem diferentes formas de conceber uma mesma coisa (Milovic, 2004). É nesse ponto em que uma “repetição pode se tornar uma diferença”.

Ainda sobre a concepção Bergsoniana de memória, Bergson (2010a) apresenta duas memórias, - uma voltada para a imaginação e outra para a repetição. Na primeira forma de memória, Bergson (2010) aponta para uma memória própria do hábito, que repete ações aprendidas de maneira automática, conforme o corpo age no presente por meio da percepção. Assim, essa será, em tese, a memória que as ciências naturais irão se apropriar, pois ela dialoga imediatamente com as funções motoras e pragmáticas em consonância com a vontade do corpo.

Entretanto, a segunda conceituação de memória, de acordo o filósofo francês (2010a), será a memória verdadeira, pelo fato dela ser a memória temporal e conter a primeira memória (a memória da repetição). Sendo definida (a segunda memória) como uma memória geral, a qual armazena, avoluma e transforma tudo aquilo que foi vivido desde o nascimento, uma memória “inútil” e sùtil, entretanto, essa a memória que possibilita o presente passar, por meio do processo de atualização. (Deleuze, 2012)

Essa explicação pode parecer confusa em um primeiro momento, mas ela não representa outra coisa, além da natureza da memória e das intensidades, estas sendo o movimento virtual, o movimento que afeta os estados psicológicos e atuais (Bergson, 2020). A intensidade é, metaforicamente como o ritmo da consciência, em que elas conduzem a experiência humana, que em primeira instância é a duração (Bergson, 2020). Dessa forma, pode-se perguntar, em que medida essa maneira bergsoniana de conceber o ser humano e sua experiência não se torna deveras inteligível e impalpável?

A explicação para essa pergunta é simples, assim como toda a filosofia de bergson almeja pela simplicidade, a experiência do ser humano se trata do vivido, de momentos diversos que compõem a vida do sujeito, tal como é a experiência da felicidade e da tristeza descrita por Bergson (2020), isto é, um estado psicológico que tinge toda a consciência com sua própria cor (uma espécie de mobilização de estados psicológicos), influenciando a forma que o ser humano toma decisões e se comporta. Um exemplo cabível, tomando como base essa explicação, é o do ambiente da academia, que é formada sempre por um grupo de pessoas que possuem um misto de motivações (oriundas de sensações, sentimentos, afetos, etc) para compor aquela comunidade e desenvolver sua finalidade. Esse exemplo só mostra como se pode pensar em uma comunidade da diferença mesmo nos pormenores da vida até pensar no macro.

Nesse ponto, a memória verdadeira, movida pelas intensidades, está em constante movimento transformador, o movimento arruinador (virtual), que se empreende para dar continuidade na vivência, essa ruína é realizada com as representações advindas das imagens (Deleuze, 2012). Um movimento que não se transforma seria estático, trazendo para o campo do vivido, segundo Deleuze (2012), se o pensamento e o presente não mudasse a cada instante, o ser humano viveria em um eterno ressentimento estático. Então, é necessário que a memória continue arruinando e coexistindo com o presente, tendo em vista a progressão da vida. Fazendo um paralelo com a questão das forças, apresentadas anteriormente, a ruína do território dando vazão ao virtual e transformador seriam equivalentes às forças ativas, que por sua vez, seria justamente esse elemento crucial formador da diferença (Deleuze, 2018).

Toda essa explicação do percurso bergsoniano culmina no ponto central do trabalho, que é a diferença, não necessariamente com essas palavras, contudo, com a força motriz da diferença, o elã vital (Deleuze, 2012). O elã vital, conforme Bergson (2010b), será essa energia criadora, nada mais é que a manifestação da duração, a qual se manifesta nos indivíduos frente a vida. Essa explicação culmina com o tema da diferença e se tratando de uma comunidade da diferença, esta é composta por esse movimento criador, diferenciador e que dá espaço para o outro em suas mais diversas expressões (Cangiano, 2023). Assim, o elã vital possibilita as mais diversas aberturas frente a uma sociedade da igualdade, a heterogeneidade esburacando a homogeneidade instituída.

#### 4 O sem fundo como formador da diferença

Ao pensar em uma comunidade da diferença, um dos pontos centrais que está em voga é a questão da aceitação e coexistência com o diferente (Milovic, 2004). Pensando nisso, a obra deleuziana, *Sacher-Masoch: O frio e cruel* (2009), faz um excelente preâmbulo para essa discussão, visto que sua discussão inicial está pautada na patologização do masoquismo, marcado negativamente como um transtorno, pelos médicos, os quais atendiam a uma norma e a uma condição ideal de normalidade. Em linhas gerais, a psiquiatria da época estava tentando docilizar os corpos de qualquer pessoa que destoasse de uma suposta norma de comportamento, isto é, matar a diferença, nesse caso, impedir diferentes formas de manifestação sexual e almejar pelo viés da normalidade, que pode ser descrito como a igualdade. Essa condição pode ser visualizada na obra de Machado de Assis (1994), *O Alienista*, em que João Bacamarte (o alienista) enclausura todos os cidadãos que destoam daquilo que seria um comportamento dito como normal. João Bacamarte fecha as portas da diferença para a comunidade, todos devem andar na linha, caso contrário, a punição da igualdade viria. Essa atitude não se afasta muito do mundo real e da sociedade contemporânea, em que a régua da igualdade tolhe, exclui e rejeita o diferente (Milovic, 2004).

Ainda sobre a diferença, outro tema pertinente oriundo do *Sacher-Masoch* (2009) é o instinto de morte, o é será o princípio transcendental que possibilita o apagamento. Tal instinto também pode ser chamado de Tânatos, que de acordo com Deleuze (2009) é o “sem fundo”, o qual consome todo sentido pré-estabelecido a medida que se move, é a unidade capaz de transformar o significado de tudo, ao passo que o Eros seria o princípio transcendental da ligação, ou seja, seria a conexão de um sentido ao outro, a territorialização da ideia e/ou das sensações. Por essa perspectiva, essas duas instâncias não são forças complementares, mas princípios isolados que atuam na conservação e destruição de sentido, isto é, o atual e o virtual como fundamento da vida. Pensando a respeito de toda gama de movimentos sociais, esses princípios fundamentam a base da subversão à norma padrão instituída, eles possibilitam as novas formas de existência, por meio da diferença (Deleuze, 2009). Se pensar isso para uma comunidade, toda transformação adaptativa ocorre para manter os sujeitos coesos, todavia, sem perder de vista os novos elementos constitutivos (isso é uma manifestação da diferença).

Desse jeito, segundo Deleuze (2009), o instinto de morte é sinônimo de síntese transcendental do tempo, pois ele é simultaneamente repetição do antes, durante e depois, isto é, submete o tempo a uma autoconstituição, um tempo que se liga, se apaga e se mistura, em outras palavras é a força movente da transformação, uma nova ideia que transforma um velho entendimento, o que gera a diferença. Tais características podem ser percebidas no excerto exposto por Freitas (2016, p. 200):

Tânatos, face do eterno retorno ou síntese transcendental do tempo, é o elemento seletivo que apaga, destrói, desfaz e desliga as relações energéticas e biológicas. Tânatos, relacionado a Eros, é a condição para o surgimento de forças ativas mediante a transformação das ligações das forças passivas.

Dessa forma, a partir do *Sacher-Masoch*, Deleuze (2009) constitui a perversão, oriunda da psicanálise (resumidamente, seria uma atividade psíquica voltada para transgressão de uma norma instituída), como um modelo metodológico, como algo que subverte o sexualizado, isto

é, promove o procedimento de desinvestimento de energia. A razão disso, se dá em todo o processo constitutivo histórico, que se deu a partir de uma transgressão de uma norma instituída, por exemplo, mudanças de percepção acerca de gênero, raça e classe, que em um determinado momento esses conceitos tinham uma ideia muito bem definida e a partir da subversão desse definido (ou virtualização) foi possível produzir novos sentidos (Deleuze, 2009). Ora, qual seria a base de uma comunidade da diferença, se não a diferença? Conforme Milovic (2004), é esse aspecto que produz a integração entre os membros e conseqüentemente o seu fortalecimento, pois o plural é multifacetado.

## 5 Igualdade e diferença

No seu livro de 1968, intitulado *Diferença e repetição*, Gilles Deleuze dá continuidade à luta contra um pensamento filosófico pautado na identidade (David-Ménard, 2014). Nesse sentido, mais precisamente no capítulo 2, ele busca elaborar uma nova perspectiva em relação ao tempo, isto é, um tempo do devir, um tempo radicalmente da diferença, talvez possamos falar de um tempo radicalmente heterogêneo. Para pensar sobre esse tempo da diferença, Deleuze formula o tempo em três sínteses passivas, essas são o seu fundamento, sua fundação e a sua rachadura, em outras palavras, o presente, o passado, e o futuro, respectivamente (Deleuze, 2022). Dessa forma, utilizamos o conceito de sínteses porque essas são ligações, sempre transformativas, entre diversos elementos heterogêneos, e as chamamos de passivas porque são as ligações primeiras, mais elementares, fundamentais, isto é, são constitutivas, ontológicas, dizem respeito tanto às linhas que costuram o entrecortado da realidade<sup>8</sup>, quanto às bases que, que posteriormente, dão sustentação para qualquer atividade<sup>9</sup> (Deleuze, 2022).

A primeira dessas sínteses passivas é a própria fundação do tempo, chamada de presente-vivo ou hábito. Nesse sentido, ela se constitui na contração dos inúmeros instantes e elementos em uma repetição na qual se extrai a diferença (Deleuze, 2022). O tempo presente é sempre movente, ele nasce de forma sempre abortada, ele é larvar (Deleuze, 2022). Dessa forma, a síntese do hábito implica na interseção dos elementos, e na sua repetição, a criação do novo, do diferente. Além disso, o presente é vivo porque ele é dinâmico, múltiplo, diferencial. O presente liga o passado e o futuro em um tempo assimétrico, como uma flecha que é sempre apontada para frente.

Nessa perspectiva, não é que ele tenha transformações: ele é a própria transformação, ou seja, a diferença extraída da repetição dos instantes e dos elementos. Assim, ele é a transformação que nasce da virtualização e da atualização em uma repetição. Cabe destacar que repetir não é reproduzir, isto é, o retorno do mesmo, o movimento pautado na identidade, repetir significa construir o novo a partir do antigo: talvez possamos chamar de uma eterna “nova-construção”. O que revela o tempo do devir, e que segundo Deleuze (2022, p. 108) pode ser conceituado dessa forma:

O presente vivo vai, pois, do passado ao futuro que ele constitui no tempo, isto

8 Deleuze (2022, p. 108): “Não é feita pelo espírito, mas se faz no espírito que contempla, precedendo toda memória e toda reflexão.”

9 Deleuze (2022, p. 110): “Somos água, terra, luz e ar contraídos, não somente antes de reconhecê-los ou representá-los, mas antes de senti-los. Em seus elementos constitutivos e perceptivos, como também em suas vísceras, todo organismo é uma soma de contrações, de retenções e de expectativas.”

é, também de particular ao geral, dos particulares que ele envolve na contração ao geral que ele desenvolve no campo de sua expectativa (a diferença produzida no espírito é a própria generalidade, na medida em que ela forma uma regra viva do futuro).

De acordo com esse trecho, a síntese do tempo é o virtual que problematiza o atual, sendo assim, uma tensão que promove mudança, gerando reflexão crítica e novos modos de ser, que por sua vez também podem ser problematizados à medida que se repetem. Tal ideia seria a formação da filosofia da diferença do Deleuze, que se dá no desenrolar de todo esse percurso transcendental e persiste, visto que a ideia de sua obra, *Diferença e repetição*, é a diferença sem representação, uma diferença capaz de ser pensada a partir dela própria

A segunda das sínteses passivas é o passado puro, a fundação do tempo. Nesse sentido, Deleuze (2022, p. 117) escreve: “A fundação diz respeito ao solo e mostra como algo se estabelece sobre este solo, ocupa-o e o possui; mas o fundamento vem sobretudo do céu, vai do ápice às fundações, avalia o solo possuidor de acordo com um título de propriedade.”. É a síntese do passado puro que permite ao presente se mover, com efeito, o presente sempre passa e apenas o passado que insiste (Deleuze, 2022). Nessa perspectiva, Deleuze (2022, p. 120-121) pensa o funcionamento do passado puro a partir de quatro paradoxos: o da contemporaneidade, o da coexistência, o da preexistência, e o da “metáfora do cone”. Freitas (2016, p. 202-203) discorre muito bem acerca desses paradoxos:

A contemporaneidade fornece a razão do presente que passa, uma vez que o passado é contemporâneo de si como todo presente que passa em proveito de um novo presente. O paradoxo da coexistência propõe que todo passado coexiste com o novo presente em relação ao qual ele é passado. A preexistência dispõe que o elemento puro do passado em geral preexiste ao presente que passa. Logo, existe um elemento substancial do que exerce o papel de fundamento, que por sua vez não é representado. Para os fins da representação, aquele que logra êxito é o presente antigo ou o presente atual, e não o passado puro. A metáfora do cone, como quarto paradoxo, prega que o presente é o grau mais contraído do passado que com ele coexiste. Isso ocorre desde que o passado coexista consigo numa grande variedade de outros tantos graus contraídos e descontraídos.

Dessa forma, é importante observar a similaridade entre os conceitos de passado do Deleuze e de Bergson. Com efeito, o passado apresentado por Gilles Deleuze em *Diferença e repetição* (2022) é apropriadamente bergsoniano<sup>10</sup>, fruto de uma leitura instrumental que Deleuze realiza acerca da obra de Bergson (Deleuze, 2012). Portanto, o passado do Deleuze não se resume à representação imaginária do que já ocorreu, aqui o tempo passado é constitutivo, ontológico, é uma síntese passiva. Concomitantemente, o passado não era, ele não foi, ele é, insiste. Nesse sentido, ele é duração, e prolonga-se carregando consigo uma infinidade de diversas camadas de presentes, instantes, contrações, contemplações, objetos virtuais (Deleuze, 2022).

Sendo assim, o passado é o em-si do tempo, ele comporta o antigo presente que passou, e atualiza no território sempre movente do presente que está a passar. Por conseguinte, “o presente designa apenas a contração máxima de todo este passado que coexiste com ele.” (Deleuze, 2022, p. 121). Daí que o passado é sim como uma história, mas história ontológica,

10 David-Ménard (2014, p. 84): “O guia, aqui, é Bergson: [...] Somos passado apenas porque todas as nossas experiências se produzem em nós de duas maneiras: como presentes que absorvem a nossa atenção e nossas ações, de um lado, e como virtualidades que nos constituem sem nos darmos conta.”

onde cada letra, sentença, vírgula, e cada personagem, enredo, e possível final, se atualizam no presente momento. Também podemos pensar o passado que se atualiza no presente através da cinematografia: um filme é constituído por infinitos instantes, infinitos cortes, cenas, e cada uma delas carrega consigo os significados, a hereditariedade de todas as cenas anteriores, a cena atual coexiste com todas as cenas passadas.

Se o passado é o que insiste, e o presente é onde ele se atualiza, a síntese do futuro, a qual Deleuze nomeia de eterno retorno, é a virtualização do tempo, ou o tempo enquanto virtualidade por excelência. De maneira semelhante, se o presente é o fundamento, e o passado a fundação, o futuro é a própria rachadura do tempo, na qual ele próprio é repetido. Com efeito, Deleuze (2022, p. 149) escreve: “só o estranho é familiar e só a diferença se repete”. Nessas condições, a síntese do eterno retorno de Deleuze é a produção do absolutamente diferente; é a repetição enquanto diferença em si mesma (Deleuze, 2022). Seguindo essa lógica, a repetição no eterno retorno é a repetição do excesso<sup>11</sup>, do disruptivo, transformativo, da metamorfose. É através desse movimento do excesso que é possível desfazer a forma do tempo circular simples, a forma de um tempo da identidade, do eterno retorno do mesmo. Nessa perspectiva, o eterno retorno que Deleuze elabora é pautado na diferença, isto é, um tempo radicalmente diferencial<sup>12</sup>, um tempo nem circular simples, nem reto, mas sinuoso (Deleuze, 2022).

Essa concepção de tempo, enquanto diferença radical, implica também em um sujeito marcado pela diferença, isto é, o sujeito larvar, o cogito abortado, o eu rachado. Nessa direção, Deleuze (2022) pensa em um tempo, e um sujeito, e até podemos dizer corpos, constituídos de uma radicalidade da diferença, e em um processo de uma sempre possível emancipação da identidade. De maneira análoga, Deleuze (2022) talvez conceba bases para pensar em comunidades sustentadas por uma radicalidade diferencial, por uma heterogeneidade radical. Mais do que isso, o autor direciona a tecer uma crítica à comunidades centradas na identidade, tanto no que diz respeito ao sentido conceitual, quanto também material.

Com efeito, é notório no contexto atual brasileira a predominância e valorização da identidade na composição de corpos, isto é, de comunidades, como as que compõem os bairros, as cidades, as comunidades profissionais, culturais e virtuais. Nessa perspectiva, podemos hipotetizar que essa predominância ou mesmo tirania da identidade ocorre tanto em um campo horizontal, quanto vertical.

No sentido horizontal, é possível pensar em todas as forças e relações, dentro de determinadas comunidades e no presente momento, que agem em favor da supressão de qualquer tipo de diferenciação, autenticidade, e vitalidade. Já no século XIX, Nietzsche observava como as estruturas morais do ocidente funcionavam de modo a reproduzir um estilo muito peculiar e deprimido de vida, a saber, o tipo do ressentido, através da abnegação e repressão dos seus desejos, impulsos, de suas forças ativas, de seus potenciais de transformação (Nietzsche, 2022). Nesse sentido, tal dinâmica de repressão daquilo que é diferencial continua extremamente atual como por exemplo na lógica e no processo de condominização das populações urbanas, isto é, o

11 Deleuze (2022, p. 130): “E o que é produzido, o absolutamente novo, é, por sua vez, apenas repetição, a terceira repetição, desta vez por excesso, a repetição do futuro como eterno retorno.”

12 Freitas (2016, p. 203): “Essa travessia, dotada de pura metamorfose universal, gira em torno de si mesma e faz retornar o por vir. Portanto, o eterno retorno é a efetividade da uma filosofia da repetição que passa pelos estágios concernentes às duas sínteses anteriores, ou seja, afirma o caráter incondicionado do produto em relação à sua condição. O eterno retorno permite que a repetição seja o pensamento e a produção do absolutamente diferente que corresponde à “repetição para si mesma.”

processo de formação e isolamento de comunidades cujo critério para ser membro é a condição financeira, em outras palavras, comunidades cujo fio de ligação entre as pessoas é a identidade econômica, ser parte do mesmo grupo econômico (Dunker, 2015).

Já no sentido vertical podemos pensar em todos dispositivos políticos e sociais voltados para supressão da diferença ao longo do tempo, isto é, da capacidade dos corpos políticos, sociais, culturais de se atualizarem. Isto pode ser percebido quando, por exemplo, as leis acerca dos quilombolas nunca são garantidas plenamente e estes sofrem constantes desmontes e ataques para exploração de suas terras (Silva, 2019), ou quando políticos criam políticas identitárias para angariar votos e conquistar uma massa de pessoas capturadas pela política da igualdade e repulsa pela diferença (Dias, 2022), ou quando um grupo de pessoas indignadas pela escolha da votação das urnas decidem invadir às sedes dos três poderes (Agência Senado, 2024). Enfim, muitas são as manifestações e artimanhas para supressão da diferença, entretanto, apesar de constantes atentados, a diferença é que cria novas possibilidades de ser e novas perspectivas de sociedade, onde exista empatia e respeito mútuo às diferenças (Milovic, 2004).

## 6 Considerações finais

Ao pensarmos em termos de memória, se reconstitui não apenas um passado individual, mas todo o passado em geral que possibilitou o presente ocorrer. Esse tempo, o tempo da duração, o qual carrega consigo toda sorte de qualidade, é também o elemento fundador da diferença (Deleuze, 2012). Essa diferença, como ponto central da comunidade de Milovic (2004), explica de que maneira o processo histórico não permanece estagnado, mas está em constante movimento transformador, que embora muitas vezes seja sufocado pelas forças reativas (Deleuze, 2018). Nesse sentido, a diferença sempre subverte a norma e abre espaço para a criação ainda que em meio à repetição (Deleuze, 2022).

Nesse contexto de luta, pode-se resgatar o conceito de forças, isto é, dessas unidades de movimento, as quais buscam afirmar as suas potências no entrecortar dos corpos (Deleuze, 2018). Com efeito, as forças ativas, os movimentos vitalizadores, diferenciadores só podem alcançar a sua potência através do confronto político, social, cultural das estruturas e dispositivos que ensejam tanto manter o status quo, quanto catalisar o sequestro das potencialidades diferenciais em nome da expansão do capital e do poder de uma elite política-econômica (Deleuze, 2018). Portanto, conceber uma comunidade da diferença é mais do que um trabalho conceitual, é também uma maneira de resistência e defesa do outro, do direito do outro ser, em meio a uma tirania da igualdade/ homogeneidade que sufoca tais manifestações (Milovic, 2004).

Nessa perspectiva, também é possível compreender a comunidade da diferença a partir das sínteses do tempo de Deleuze, isto é, o pensamento acerca de corpos, sujeitos e da própria experiência do tempo tendo a diferença em si mesma enquanto radicalidade (Deleuze, 2022). Em relação ao presente vivo, pode-se inferir a repetição-liame, ou seja, a diferença em comunidade se dá através da interseção, comunicação, do contato entre diferentes elementos, um contato empático, respeitoso, isto é, a sustentação da escuta daquilo que é diferente no outro.

No contexto da síntese do passado puro ou memória, observa-se a partir da repetição-mancha, que é o passado enquanto aquele que insiste no presente (Deleuze, 2022). Nesse ponto,

insistir não quer dizer prender (como é o caso no conservadorismo) ou remeter o presente a um retorno ao passado idealizado (como é o caso dos movimentos reacionários). Na verdade, insistir quer dizer enriquecer na medida em que se virtualiza e atualiza no presente. Dessa forma, o passado e a memória de uma comunidade podem não somente ser bases para sua união, mas também de sua transformação.

Por fim, quando se trata da síntese do futuro ou eterno retorno e de comunidades da diferença, é necessário recorrer a repetição-borracha, a qual se caracteriza pela necessidade de uma rachadura, de uma abertura onde exista espaço para que o antigo seja virtualizado, e atualizado em algo novo (Deleuze, 2022). O eterno retorno permite conceber que apenas a diferença se repita, o que resta é emancipar esses movimentos diferenciais, aberrantes, vitais e colocá-los em favor da própria vida que os produz.

Dessa forma, o presente artigo foi desenvolvido com o intuito de elaborar o percurso da diferença e dialogar com algumas concepções de Milovic (comunidade, diferença e igualdade) a partir da filosofia de Deleuze (corpo, memória, sem-fundo, tempo), o que foi feito durante todo o decorrer do texto, permitindo assim observar as relações entre as ideias postas e o seus respectivos aprofundamentos. Logo, o presente trabalho se insere no contexto das discussões entre política, filosofia, psicologia e esquizoanálise, buscando contribuir na formação de bases conceituais tanto para criticar a tirania da identidade acerca das formas de pensar, imaginar, ter afetos, produzir políticas; como também para elaborar e conhecer possíveis formas de existência como sujeitos e comunidades, de maneiras radicalmente diferentes e heterogêneas.

## Referências

AGÊNCIA SENADO. **Ataques de 8 de janeiro tiveram reflexo na agenda legislativa em 2023**. Agência Senado, 05 de Janeiro de 2024. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/05/ataques-de-8-de-janeiro-tiveram-reflexo-na-agenda-legislativa-em-2023>  
Acesso em: 04 out. 2024.

ASSIS, M. **O Alienista**. São Paulo: FTD, 1994.

BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução e notas de Maria Adriana Camargo Capello; prefácio, revisão técnica e notas de Débora Cristina Morato Pinto. São Paulo: Edipro, 2020.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

BERGSON, H. **Evolução criadora**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010b.

CANGIANO, A. S. B. DIFERENÇA NA COMUNIDADE DA DIFERENÇA. **Cadernos Miroslav Milovic**, v. 1, n. 1, p. 47–61, 2023.

DAVID-MÉNARD, M. **Deleuze e a psicanálise**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Editora 34,

2012.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, G. **Sacher-Masoch - o frio e o cruel**. Tradução de Jorge Bastos e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DIAS, G. **‘Deus, Pátria, Família’**: de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro?. UOL, 29 de Agosto de 2022. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 04 out. 2024.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FREITAS, F. L. C. Do grito do incondicionado aos ruídos do tempo: Gilles Deleuze e a questão do princípio do prazer. **Dois Pontos**, [S.l.], v. 13, n. 3, dez. 2016. ISSN 2179-7412. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/46917/30069>>. Acesso em: 04 out. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i3.46917>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAPOUJADE, D. **Potências do tempo**. Tradução de Hortência Santos Lencastre. 2ª ed. São Paulo: N-1 edições, 2017.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MILOVIC, M. **Comunidade da diferença**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Editora Vozes, 2011

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: Como alguém se torna aquilo que é**. Tradução de Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SILVA, A. C. M. **Uma escrita contra-colonialista do Quilombo Mumbuca Jalapão-TO**. Tese de mestrado Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais, Universidade de Brasília. Brasília, 2019.